

Reencarnação ou Penas Eternas?

O Senhor é misericordioso e compassivo; longânimo e assaz benigno. Não repreende perpetuamente, nem conserva para sempre a sua ira. Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades (SI 103:8-10)

Prefácio

Este texto está umbilicalmente ligado, não somente aos já publicados, mas também ao texto “**O Evangelho de Judas**”. De um lado a reencarnação que é o meio pelo qual há a possibilidade de regeneração e de outro, as penas eternas que nada oferecem, senão a condenação. Neste intento, visando fácil consulta aos leitores, segue mais este trabalho dividido em tópicos e em sub-tópicos, a fim de facilitar a consulta e veremos se será a reencarnação ou as penas eternas que darão uma nova oportunidade de correção de nossos erros.

| | |
|---|----|
| * Considerações Preliminares | 2 |
| I. Afinal, quem foi o Apóstolo que substituiu o Judas, Paulo ou Matias? | 2 |
| II. Analisando a descida de Jesus às “regiões inferiores” | 3 |
| 1. Efésios 4:7-10 e o santo mistério | 3 |
| 2. Efésios 4:11-16 e o serviço dos santos | 5 |
| 3. O que realmente ensina tal passagem | 5 |
| 4. A pregação de Paulo e a de Pedro com um dilema | 6 |
| III. Analisando a pregação de Jesus “aos espíritos em prisão” | 7 |
| 1. A pregação “aos espíritos em prisão” foi nos dias de Noé, ou nos dias de Jesus? .. | 9 |
| 2. A pregação “aos espíritos em prisão” e o Credor Incompassivo | 10 |
| 3. A “pregação aos mortos” foi feita aos mortos, ou ainda vivos? | 15 |
| 4. O que realmente ensina tal passagem | 16 |
| IV. Analisando a Serpente, Satã e os Daimons | 16 |
| V. Escândalos, se vossa mão é motivo de escândalo, cortai-a! | 18 |
| 1. Jesus nos sugere a automutilação? | 18 |
| 2. Afinal, qual o ensinamento desta passagem! | 19 |
| VI. O inferno e as penas eternas para erros finitos | 21 |
| 1. “A falibilidade dos projetos humanos”, segundo Tiago | 22 |
| 2. Marcos 9 e o que ele ensina sobre “salgar com fogo” | 23 |
| * Considerações finais | 25 |

Considerações Preliminares

Neste texto, constatamos que é abordado pelos defensores das penas eternas a sua inglória tarefa crença nelas e nosso esclarecimento, em contradita é a Lei Natural da Reencarnação como aplicação da Justiça Divina (**Jo 3:12**). Houve também assuntos paralelos, como por exemplo, a traição de Judas e os arranjos exegéticos, a fim de acusá-lo de uma pena eterna e irremissível. Este tema foi amplamente discutido no texto “O Evangelho de Judas”, mas iremos aprofundar neste quesito, acerca do 12º apóstolo e que iremos esclarecer nas linhas abaixo.

Como já dissemos, de um lado temos a reencarnação que nos outorga o direito da correção de nossos erros do passado, angariando as virtudes celestes através de uma lei natural (**Jo 3:12**). De outro lado temos as penas eternas para erros finitos, sem a oportunidade de correção de nossos erros, restando apenas à condenação. É com base neste argumento que iremos transcorrer neste texto.

I. Afinal, quem foi o Apóstolo que substituiu Judas, Paulo ou Matias?

Segundo alguns, o apóstolo que substituiu Judas foi Paulo, porém, após o esclarecimento e nosso entendimento, percebemos de que foi Matias, o apóstolo a substituir Judas. Vejamos:

*É necessário, pois, que dos varões que conviveram conosco todo o tempo em que o Senhor Jesus andou entre nós, começando desde o batismo de João até o dia em que dentre nós foi levado para cima, um deles se torne testemunha conosco da sua ressurreição. E apresentaram dois: José, chamado Barsabás, que tinha por sobrenome o Justo, e Matias. 24 E orando, disseram: Tu, Senhor, que conheces os corações de todos, mostra qual destes dois tens escolhido para tomar o lugar neste ministério e apostolado, do qual Judas se desviou para ir ao seu próprio lugar. 26 Então deitaram sortes a respeito deles e **caiu a sorte sobre Matias, e por voto comum foi ele contado com os onze apóstolos.** (At 1:21-26)*

Aqui vemos claramente a eleição entre dois discípulos, dentre eles, José Barsabás e Matias. Mais adiante, é descrito o desvirtuamento de Judas Iscariotes, mas não eterno, já que o mal é a ausência do bem e as trevas não podem resistir ao progresso das luzes, entoando as trombetas da regeneração que são incompatíveis com a condenação eterna. Vemos claramente que o discípulo Matias é o décimo segundo apóstolo e ele foi o substituto de Judas Iscariotes, após o período trágico do desfalque. Matias foi um dos setenta e dois discípulos que o Senhor designou e enviou, dois a dois, adiante de si a todas as cidades e lugares que pretendia visitar. Uma tradição, confirmada entre os Gregos, refere que, após o Pentecostes, ele pregou o evangelho na Capadócia e para o lado do Ponto Euxino.

Já que o apóstolo que substituiu Judas foi Matias e não Paulo, assim como está esclarecido. O texto é claro em aludir que o 12º apóstolo era Matias e não Paulo (**At 1: 16-17; 21-26**). Todavia, também dizemos aos defensores das penas eternas

que tudo como julgam eles que sabemos não é verdade, tanto que até mesmo Jesus declarou não saber tudo quando disse: “*Mas a respeito **daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão o Pai***” (Mt 24:36). Ou seja, não julgamos tudo saber, assim como o Mestre Jesus, pois a verdade absoluta só a Deus pertence. Ademais, que os defensores das penas eternas promovam correção naquilo que acreditam erroneamente, como esclarecemos acima, já que “...*em lugar de serdes orgulhosos, condescendei com o que é humilde; **não sejais sábios aos vossos próprios olhos.***” (Rm 12:16). Ademais, de fato Matias acompanhou o Mestre, dentre os 70 discípulos, mediante o batismo de João até o dia de sua ascensão (At 1:21-22).

Com efeito, Paulo menciona que Jesus apareceu a Cefas e depois aos doze. No entanto, Paulo não exclui Judas e coloca Matias em seu lugar. Os defensores das penas eternas afirmam que “Paulo exclui Judas e põe Matias em seu lugar; não querem dizer que fez isto *ipsis literis*, pois ele além de sequer citar Judas ou Matias, sequer cita o nome dos demais apóstolos, apenas o de Pedro, que o viu primeiro sem os outros e depois juntamente com eles”. Se Paulo exclui Judas e põe Matias, não poderia deixar de citá-los para corroborar o que defendem os defensores das penas eternas. (I Co 15:5-7). Apenas o de Pedro, mas nos apresenta Paulo que foi visto por Tiago e depois pelos demais (v. 7 **do mesmo capítulo**)? O que defendemos é que Paulo não esclarece se ele considera Judas ainda como um dos doze ou não.

II. Analisando a descida de Jesus às “regiões inferiores”

Neste ponto do texto, iniciamos a análise da passagem de **Ef 4:7-16**, no que tange a questão da descida de Jesus às “regiões inferiores”, como santo mistério e o serviço dos santos, com destaque aos seguintes pontos:

- a. Jesus desceu às regiões inferiores de fato, como um santo mistério, segundo Paulo, a fim de levar cativo o cativo e **até mesmo rebeldes**, ou seja, espíritos renitentes ainda no erro.
- b. Jesus subiu os degraus evolutivos através das vidas sucessivas, **antes de sua encarnação (Jo 3:13)**
- c. Jesus **desceu** à nossa compreensão. (Jo 3:13).
- d. Jesus **foi elevado** no madeiro, bem como ascendido na escalada evolutiva (Jo 3:14; Hb 1:4).
- e. Jesus desceu as regiões inferiores **após** a sua **ressurreição**.
- f. Jesus desceu às regiões inferiores **antes** de sua **ascensão**.
- g. Jesus **ascendeu** em espírito.

1. Efésios 4:7-10 e o santo mistério

Acerca deste tema, e mesmo tendo realizado a exegese da nota de rodapé da versão de João Ferreira de Almeida revista e atualizada no Brasil – 2ª edição da SBB (Sociedade Bíblica do Brasil), os defensores das penas eternas se esquivam e não fazem nenhum comentário desta nota de rodapé. Ademais, ela nos remete à passagem de **Salmos**, relacionada à citação de Paulo, ao qual vejamos:

Subiste às alturas, levaste cativo o cativo; recebestes homens por dádivas, até mesmo rebeldes, para que o Senhor Deus habite no meio deles. (SI 68:18)

E:

*Ora, que quer dizer subiu, **senão que também havia descido até às regiões inferiores da terra?** Aquele que desceu é também o mesmo que subiu acima de todos os céus, para encher todas as coisas (Ef 4:9-10).*

Após a citação desta referência de Paulo ao livro de Salmos, vemos o seguinte questionamento, que conforme o nosso entendimento, para levar a esperança aos corações aflitos e que jaziam em seus devidos tormentos morais nas regiões inferiores, dando-os a esperança da regeneração pela reencarnação? A resposta é simples. Se Jesus de fato desceu as regiões inferiores, é pelo fato de os espíritos que ali estavam não estariam em condições para receber o merecimento de boas atitudes que tiveram em vida, já que eram **até mesmo rebeldes** e se estavam rebeldes contra algo, é pelo fato de não concordarem. Segundo a citação do livro de Salmos, feita por Paulo, a fim de inferir que estes mesmos rebeldes foram levados, como cativo o cativo, somos impelidos a crer que só através da reencarnação para a reparação de seus erros e rebeldia. Nossa explanação era baseada no “santo mistério”, como sendo Paulo se referindo à descida de Jesus as regiões inferiores, dando a possibilidade de regeneração através da reencarnação para os ainda rebeldes.

A reencarnação seria como regeneração destes espíritos **até mesmo rebeldes** e que estavam nas **regiões inferiores da terra**, onde só através da reencarnação que poderiam vir a reparar os seus erros. Acerca da passagem, sobre *Aquele que desceu é também o mesmo que subiu muito acima de todos os céus, para cumprir todas as coisas* (v. 10) e segundo os defensores das penas eternas, por termos inferido que a conjugação verbal está no passado, pelo simples fato de estar sendo narrada, para eles não invalida a assertiva proposta, de que o texto não fala sobre futuras oportunidades aos que não creram. Todavia, e aos que foram **até mesmo rebeldes?** Estes obteriam uma nova chance de retomarem ao caminho? Por que só estes e não todos os demais? Já que *O Senhor é misericordioso e compassivo; longânimo e assaz benigno. Não repreende perpetuamente, nem conserva para sempre a sua ira. Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades (SI 103:8-10).*

Contudo, já que os defensores das penas eternas assumem que se trata de dois eventos, estes nos sugerem uma releitura, a fim de responder onde eles deram a entender que poderia haver o aperfeiçoamento dos santos que haviam crido na vinda do Messias referindo aos que já estavam mortos? Haveria sido entendido desta forma, se mesmo os defensores das penas eternas não acatassem a nossa elucidação de que são os dois eventos, e não apenas um.

2. Efésios 4:11-16 e o serviço dos santos

Na abertura desta parte da passagem de Efésios, os defensores das penas eternas não foram ao âmago da questão que levantamos, antes se desviaram para tentar inverter o sentido do texto, assumindo que Paulo relatava sobre dois eventos que eram a descida de Jesus às regiões inferiores, como um santo mistério e o serviço dos santos. É previsível o quão inconciliável era para os defensores das penas eternas unirem os dois eventos, após os questionamentos, já que se fosse o inverso a crença dos defensores das penas eternas começaria a ruir.

Tanto que, como elucidamos que não podemos inferir que ambos relatos estão interligados, tão logo vemos que após os defensores das penas eternas separarem ambos os eventos, eles ainda não se abstiveram em dizer que os que estariam nas regiões inferiores da terra antes da vinda de Jesus são os santos em Cristo. Porém, nos orientam em pesquisar o texto de Hebreus 11, a fim de entendermos como era a Salvação nos tempos pré-encarnação de Cristo. Neste intuito, pesquisamos sobre o tal capítulo e nada encontramos em referência ao texto em análise.

Embora que para os defensores das penas eternas pareça que não concordamos com a promessa do messias, não discordamos, principalmente sobre as profecias acerca da reencarnação da ruach de Elias, formando uma nova nepesh, João Batista, a fim de preparar o caminho do Mestre. Outrossim, para os defensores das penas eternas, os santos em Cristo são os espíritos que estavam nas regiões inferiores e que de lá saíram apenas após a ressurreição de Cristo e hoje aguardam o cumprimento pleno das coisas em descanso junto com os demais salvos do NT. Ou seja, seria válido se estes espíritos **não** fossem **até mesmo rebeldes** conforme a citação do livro de **Salmos 68:18**. Seriam estes mesmos santos em Cristo **até mesmo rebeldes**? Certamente que não, pois se aguardavam a promessa, estes mesmos santos em Cristo que os defensores das penas eternas advogam não estariam em estado de rebeldia.

Acerca do Juízo Final, realizamos um amplo comentário sobre este assunto no texto "**A fé sem obras está morta**", nos sub-tópicos 12 e 15. Ademais, cremos que os que praticaram os ensinamentos de Jesus, estes obterão a recompensa (**Mt 25:31-46**), conforme explanamos sobre a parábola dos cabritos e ovelhas no mesmo tópico. Outrossim, não acreditamos que os que não tiveram misericórdia para com o seu próximo terão a condenação eterna, pois o Senhor "**...Não repreende perpetuamente, nem conserva para sempre a sua ira.**"

Finalizando os nossos comentários acerca de tal passagem, do serviço dos santos, citamos o contexto, a fim de fechar o raciocínio sobre a passagem de **Ef 4:11-13**. Ou seja, o de que todos chegarão ao **pleno conhecimento do Filho de Deus, ao estado de homem feito, à medida da estatura da plenitude de Cristo**.

3. O que realmente ensina tal passagem

Ao esclarecer tais pontos, colocamos abaixo a conclusão deste assunto. Os defensores das penas eternas concordam que sobre tal passagem são tratados dois eventos, sendo estes a descida de Jesus às “regiões inferiores”, como um santo mistério e o serviço dos santos.

Embora ignoradas algumas argumentações que realizamos anteriormente, os defensores das penas eternas entendem que distorcemos o seu argumento, embora tenhamos demonstrado que era inconciliável que ambos eventos seriam apenas um. Tanto que eles chegam aos seguintes pontos:

1 – Os defensores das penas eternas concordam que Paulo trata de dois eventos (Santo mistério e serviço dos santos). Neste primeiro ponto não discordamos.

2 – Neste segundo ponto, os defensores das penas eternas identificam o segundo evento como o “serviço dos santos”, e o primeiro como o “santo mistério” que é a descida de Jesus às regiões inferiores. O primeiro evento começa no versículo 7 e termina no 10, assim como ele concorda com as nossas explicações realizadas para separar a ambos os eventos. Porém, para eles, referente ao “santo mistério” Paulo abre um parêntese, e é neste parêntese que eles defendem o que iremos comentar.

Não discordamos que Paulo se refere ao aperfeiçoamento de todos os santos **vivos** como sendo o segundo evento o aperfeiçoamento em Cristo (v. 12). O que queremos ainda comentar é que Jesus **foi o mesmo que subiu levando cativo o cativo**, como os já falecidos, sendo este o primeiro evento do “santo mistério”. Ou seja, Jesus **subiu levando cativo o cativo** e estes espíritos eram **até mesmo rebeldes** conforme a citação do livro de **SI 68:18** não comentado, muitas das vezes pelos defensores das penas eternas. Estes espíritos que estavam nas regiões inferiores eram rebeldes e, conseqüentemente, não podiam ser os santos em Cristo, pois estavam ainda **rebeldes** e renitentes no erro.

Ademais, se Jesus veio aos que estavam perdidos e não aos justos, Ele não poderia contradizer-se e após a sua ressurreição buscar os justos nas “regiões inferiores” e sim trazer a Boa Nova aos que eram **até mesmo rebeldes**, já que não veio “...chamar justos, e sim **pecadores**, ao arrependimento (**Lc 5:32**). Com efeito, cremos desta forma, sendo que Jesus veio aos que estavam perdidos enquanto encarnado e após a sua descida às “regiões inferiores”, certamente era para ministrar a Boa Nova aos que se achavam perdidos e não aos justos, senão a Sua atitude viria a divergir de quando Ele estava ministrando enquanto encarnado.

4. A pregação de Paulo e a de Pedro com um dilema

Após o esclarecimento acima, acerca da passagem narrada por Paulo em **Ef 4:7-10**, vemos que os defensores das penas eternas se delongam nas explicações sobre Jesus e a Sua “descida nas regiões inferiores”, onde o eles não defendem que Jesus “pregou aos espíritos em prisão”. Mediante tal parecer dos defensores das penas eternas, iremos comentá-lo mais adiante, conforme o contexto de **Ef 4:7-10**, **I Pe 3:18-20** e **I Pe 4:6**.

Primeiro, os defensores das penas eternas nos abrem as suas argumentações com um questionamento: “Não precisaria Jesus fazer isto, se não aceitou o Evangelho em vida vai aceitar depois de morto?” E a resposta deles parece sugerir uma resposta negativa, pois do contrário, implicaria em aceitar a lei natural da reencarnação (Jo 3:12). Com efeito, ao negar a capacidade de um espírito arrependido em resgatar as suas faltas, nos sugere os defensores das penas eternas que a Bíblia é clara na ênfase do “*Buscai ao Senhor enquanto se pode achar*” (Is 55:6). É claro que se viermos a suprimir o verso subsequente a citação apresentada, veríamos que:

*Deixe o perverso o seu caminho, o iníquo, os seus pensamentos; converta-se ao Senhor, que se compadecerá dele, e **volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar.** (v. 6 do mesmo capítulo).*

Ou seja, até comentamos que se Jesus nos incita a perdoar 70x7, tão logo vemos que se temos que perdoar infinitamente o nosso próximo, Deus em sua onipotência não viria a perdoar o infrator arrependido? Seria uma falta finita punida por uma pena infinita? Viria à justiça e comportamento humano ser maior do que a essência do Pai? Estaríamos acima de Deus? Questionamentos como este foram flagrantemente ignorados e tão logo vemos que por bases sólidas, não poderíamos inserir a eternidade do Criador sobre uma pena eterna em cima de um erro finito, já que **Deus ...é rico em perdoar**, e nossas faltas, estas sim são finitas e não eternas.

Destarte, encontram-se os defensores das penas eternas diante de um grande dilema, já que após ignorar o contexto exegético do livro de **SI 68:18** sob o texto de **Jf 4:7-10**, estes viriam a nos sugerir que Paulo fala do “levar cativo o cativo”, mas estes mesmos cativos eram **até mesmo rebeldes**, e se eram **rebeldes**, tão logo vemos que Pedro relata que Jesus, ao “pregar aos espíritos em prisão que noutra tempo foram **rebeldes**”, foi pregar a quem podia se arrepender. Se Paulo fala de Jesus levando cativo o cativo, e se estes eram **até mesmo rebeldes**, ambos relataram que Jesus pregou aos rebeldes, pelo que somos impelidos a entender que a evidência textual aponta em direção contrária ao que pretende os defensores das penas eternas.

III. Analisando a pregação de Jesus “aos espíritos em prisão”

Neste sub-tópico, adentraremos na passagem do relato de Pedro no contexto de **I Pe 3:18-20** e **Pe 4:6**, acerca da pregação “aos espíritos em prisão”, e ainda sobre o Evangelho ter sido “pregado até a mortos”. Entendemos que os defensores das penas eternas tentaram passar dois pontos, sendo estes os seguintes:

1. A pregação de Paulo e de Pedro difere entre si, pois no entendimento dos defensores das penas eternas, Paulo relata que Jesus desceu às regiões inferiores em busca dos santos do VT, por outro lado, Pedro relata da pregação de Jesus a “espíritos em prisão” e ainda rebeldes. Entretanto, foi provado acima que **ambos** os relatos tratam de espíritos **rebeldes** e renitentes no erro. Assim sendo, é a explanação dos defensores das penas eternas que destoa de todo o contexto bíblico!

2. Neste segundo ponto, os defensores das penas eternas tentam inferir que, segundo o relato de Pedro, Jesus veio a pregar aos “**espíritos em prisão**” antes de encarnar, ou seja, **nos dias de Noé** através do Espírito Santo. Vejamos o contexto em análise:

*Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus; morto, sim, na carne, mas vivificado no espírito, no qual também foi e **pregou aos espíritos em prisão**, os quais, **noutro tempo, foram desobedientes** quando a longanimidade de Deus aguardava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca, na qual poucos, a saber, oito pessoas, foram salvas, através da água, (I Pe 3:18-20).*

Apesar do esclarecimento, os defensores das penas eternas tentam provar que o mesmo refere-se à pregação de Jesus aos espíritos em prisão, e que a pregação teria sido feita nos dias de Noé, mas sem sucesso, pois tangenciam nos argumentos. Vamos reprisar o que foi dito e aprofundar ainda mais o assunto, buscando responder e elaborar outros questionamentos.

pregou aos espíritos em prisão

Quem são os espíritos em prisão? São os espíritos rebeldes, vejamos:

os quais **noutro tempo** foram rebeldes

De acordo com este trecho, são os que foram rebeldes noutro tempo, ou seja, em tempo diferente do tempo da pregação.

Que tempo é esse? Vemos claramente que estes espíritos eram rebeldes **noutro tempo**, e não que a pregação de Jesus tenha ocorrido **noutro tempo**.

quando a longanimidade de Deus esperava

nos dias de Noé

enquanto se preparava a arca

Os trechos acima informam em que tempo foram rebeldes, mas não situa o tempo da pregação, que foi outro. Porém, o contexto de 4:6 deixa subentendido que, se o evangelho foi pregado a eles, só pode ter sido **após** e não durante aquele tempo, o tempo da rebeldia. E se foi após, não pode ter sido antes ou durante. Assim sendo, está claro e justificado por que o evangelho foi pregado “**até aos mortos**”, porque estes já estavam mortos desde o dilúvio. Vemos que não há como inferir que Jesus tenha pregado aos espíritos rebeldes que viviam na mesma época de Noé, ainda por cima, através do Espírito Santo sobre Noé, a fim de realizar tal pregação. Sinceramente, é dizer justamente o oposto do que está no texto, os defensores das penas eternas violam as normas básicas de **interpretação de texto** para provar algo que não existe no texto. Para que fosse válida a tese dos defensores das penas eternas, o texto deveria estar escrito: “no qual também foi, e **noutro tempo** pregou aos espíritos em prisão, os quais foram rebeldes, **quando...**”, mas não é assim que está elaborado.

Com efeito, nos questionam os defensores das penas eternas: Será que a Bíblia defende que o Evangelho tendo sido pregado até aos mortos (I Pe 4:6; I Pe 3:19) defende uma segunda oportunidade aos já desencarnados (ou terceira, quarta,

quinta, etc, visto que pela teoria espírita as reencarnações são contínuas até o aperfeiçoamento do espírito)? Ou seja, se não há nova oportunidade de reconstrução do próprio caminho do infrator sobre o erro que não é eterno, tão logo nos resta o dogma das penas eternas para uma falha finita. A resposta seria a **reencarnação**, para a aplicação da Justiça Divina, a fim de que **não peques mais, para que não te suceda alguma coisa pior. (Jo 5:14).**

1. A pregação “aos espíritos em prisão” foi nos dias de Nóe, ou nos dias de Jesus?

Após esclarecermos o que o texto nos apresenta de fato, nos dizem os defensores das penas eternas que entre os evangélicos há várias posições deste tema, onde até alguns mesmo creem ter havido uma pregação no hades, i.e., que o evangelho tenha sido pregado aos mortos. Todavia, apesar de uma parcela dos evangélicos entenderem que o relato narrado por Pedro nos apresenta o fato de realmente Jesus ter pregado aos espíritos em prisão, embora a outra parte não concorde com o que o texto diz, os defensores das penas eternas nos deixa implícito que Jesus desceu às regiões inferiores para proclamar sua vitória aos santos que viveram antes de Cristo e, pela fé, esperavam pelo Messias prometido. Interessante que os defensores das penas eternas, em outro parágrafo, assumem que a pregação de Jesus ocorreu na mesma época de Noé, mas neste aqui, eles deixam claro que Jesus anunciou aos santos do VT a sua vitória **após a sua ressurreição**, segundo o entendimento deles sobre o texto de Efésios já comentado. Por um lado, os defensores das penas eternas crem que Jesus tenha realmente pregado, todavia, por outro prisma, ele nos apresenta uma pregação realizada através da inspiração de Noé em seus dias.

Entendemos que os defensores das penas eternas não deixaram claro o seu entendimento, se esquivou de todas as maneiras, a fim de negar a oportunidade de regeneração aos que eram espíritos ainda rebeldes e renitentes no erro, já que para eles a salvação só é dada em vida. Assim sendo, implicaria a eles aceitarem a **reencarnação**, como oportunidade da regeneração destes mesmos espíritos rebeldes de outrora. Talvez, por este motivo que neguem que Jesus tenha pregado aos espíritos em prisão.

Os defensores das penas eternas ainda advogam que o termo "pregou" pode adquirir outros significados, pois no original também implicaria em anunciar, comunicar, não exatamente pregar para fins de salvação. Como sempre, o original do verbo pregar pode dizer tudo, menos pregar fins de uma nova oportunidade de se reconstruir uma existência em desacordo com a providência. Para os defensores das penas eternas, que não nos apresentam tal significado, a fim de embasar a sua argumentação, o mais curioso é que se lemos que Jesus pregou a uma multidão de pessoas que o rodeavam, isso não seria o mesmo que pregar aos espíritos em prisão e ainda renitentes no erro. Todavia, Jesus enfatizou sempre que veio buscar o que

estava perdido e com esta postura, não poderia Ele buscar o que já era justo e sim, os que estavam ainda presos em suas atitudes de rebeldia para com a Justiça Divina.

Ainda para os defensores das penas eternas, estes creem que este versículo remete à pregação que foi feita **nos dias de Noé**, porém, como apresentamos acima a forma pela qual está construído o texto, somos impelidos a crer que **não há brecha gramatical**, a fim de que se defenda a tese de que tal texto refere-se à pregação de Jesus nos dias de Noé. Ainda com o fito de embasar a sua tese, os defensores das penas eternas correlacionam esta passagem de Pedro com a passagem de Lc 4:19, que trata de "pregar liberdade aos cativos". Porém, nesta passagem, Jesus não distingue os cativos entre vivos e mortos. Embora ainda para os defensores das penas eternas, Jesus lê uma passagem do Velho Testamento de Is 61:1, e nestes a referência aos presos não se trata de mortos e, sim, de vivos que não conhecem a palavra do Senhor, que lhes faltam resplandecer a luz de Cristo (cf Is 42:7), Com base nesta citação e fazendo um paralelo ao texto de Pedro, somos levados a crer em três assertivas:

1. O texto **não** nos fornece que Jesus **pregou por meio de Noé** em seus dias aos "espíritos em prisão".
2. Jesus foi quem pregou diretamente aos "**espíritos em prisão**", tão logo, o texto nos esclarece que **não eram** espíritos encarnados, ou seja, **vivos, mas** mortos segundo a carne, no entanto, **vivos em espírito**.
3. Estes mesmos espíritos noutra tempo foram rebeldes, tão logo, só poderiam ser rebeldes **após** negarem o que Noé buscava esclarecer e se foram rebeldes, somente **após** os dias de Noé e não nos dias de Noé como defendem os defensores das penas eternas.

Diante disso, é interessante observar que a posição dos defensores das penas eternas é escorregadia. Ou seja, se o termo "pregar" significa apenas "notificar" (sem fins de salvação), a pregação foi feita após os dias de Noé. Mas se, por outro lado, o sentido de "pregar" tem por fim o arrependimento e salvação, então a pregação foi feita durante os dias de Noé. Eis aí um exemplo clássico de interpretação por conveniência.

2. A pregação "aos espíritos em prisão" e o Credor Incompassivo

Neste ponto, para os defensores das penas eternas, a expressão "espíritos em prisão" é bem diferente da interpretação literal que muitos têm de "espíritos **na** prisão". Com efeito, esclarecemos esta expressão em outro tópico com a sabedoria de **Gandhi** que nos esclarece: "**A prisão não são as grades, e a liberdade não é a rua; existem homens presos na rua e livres na prisão**". É uma questão de consciência, bem como nos apresenta Jesus que não há dívida e nem muito menos uma pena eterna para uma falta finita, assim como nos diz na **Parábola do Credor Incompassivo**:

Ele, entretanto, não quis; antes, indo-se, o lançou na prisão, até que saldasse a dívida. (Mt 18:30)

E, indignando-se, o seu senhor o entregou aos verdugos, até que lhe pagasse toda a dívida. Assim também meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão. (Mt 18:34-35).

Destarte, ao adentrarmos na passagem do encontro entre Jesus e a mulher adúltera, num paralelo traçado com a análise da parábola do Credor infiel, deixamos **Torres Pastorino** nos apresentar o seu parecer em sua obra **Sabedoria do Evangelho, volume III páginas 20 a 22**, conforme abaixo:

O AMOR SALVA

Luc. 7:36-50

36. Um dos fariseus convidou-o para jantar com ele. Entrando na casa do fariseu, reclinou-se à mesa.

37. Havia na cidade uma mulher que era pecadora, e esta, sabendo que ele estava jantando na casa do fariseu, trouxe um vaso de alabastro com perfume

38. e, pondo-se-lhe por trás, aos pés, a chorar, começou a regá-los com lágrimas e os enxugava com os cabelos de sua cabeça, e beijava-lhes os pés e ungiu-os com o perfume.

39. Ao ver isso, o fariseu que o convidara pensava consigo: 'Se esse homem fosse profeta (médium), saberia quem é, e de que classe, a mulher que o toca, pois é uma pecadora'.

40. E respondendo-lhe, disse Jesus: "Simão, tenho algo a dizer-te". Ele disse: "Fala, Mestre".

41. 'Certo agiota tinha dois devedores; um lhe devia quinhentos denários e o outro cinquenta.

42. Não tendo nenhum dos dois com que pagar, perdoou a dívida a ambos. Qual deles, portanto, o amará mais"?

43. Respondeu Simão: "Suponho que aquele a quem mais perdoou". Replicou lhe: "Julgaste bem".

44. E, virando-se para a mulher disse a Simão: "Vês esta mulher? Entrei em tua casa, e não me deste água para os pés; mas esta me regou com lágrimas e os enxugou com seus cabelos.

45. Não me deste ósculo; ela, porém, desde que entrei, não cessou de beijar-me os pés.

46. Não ungiu minha cabeça com óleo, mas esta, com perfume ungiu meus pés.

47. Por isso te digo: foram resgatados seus muitos erros, porque ela amou muito; mas aquele a quem pouco se resgata, pouco ama".

48. E disse à mulher: "Foram resgatados teus erros".

49. Os que estavam com ele à mesa começaram a dizer consigo mesmo: "Quem é esse que até resgata erros"?

50. Mas Jesus disse à mulher. "Tua fé te salvou; vai em paz".

Trata-se aqui de um episódio particular a Lucas, que não deve ser confundido com outra cena semelhante, ocorrido mais tarde (em abril do ano seguinte) na casa de Simão, ex-leproso, em Betânia (cfr. Mat. 26:6-13, Marc. 14:3-9 e João, 12:1-8), quando Maria de Betânia, irmã de Marta, executou o mesmo gesto. Não é possível identificar-se Maria de Betânia com a "pecadora" deste passo. Nem pode confundir-se com Maria de Mágdala (Luc. 8:2), pois aí é ela apresentada como nova personagem em cena. E o fato de ter sido libertada de sete obsessores não significa que fosse "pecadora".

O fariseu, também chamado Simão (nome comuníssimo entre os israelitas da época), convida Jesus para um jantar em sua casa. Jesus costuma aceitar esses convites (cfr. Mat. 11:37 e 14:1).

Figura "A PECADORA E JESUS"

A expressão "mulher pecadora na cidade" é usada por Amós (7:17) para designar as meretrizes. Mas o argumento é fraco para atribuir esse procedimento a esta criatura em particular. Dizem os comentadores que, se fora meretriz, não na teriam deixado entrar na casa de Simão; mas isso dependeria do nível social em que ela agisse. Todavia, a desenvoltura de seu modo de proceder e de seu gesto, sem acanhamento nem peias sociais, e mais ainda a intensidade de seu amor, parecem revelar uma criatura ardorosa e livre de preconceitos, coisas típicas dessas pessoas. Inclusive o fato viria confirmar a afirmativa categórica de Jesus: "Em verdade vos digo que as meretrizes e os cobradores de impostos conseguirão o reino dos céus antes de vós" fariseus e doutores da lei (Mat. 21:31).

Anota o evangelista que ela trazia um vaso de alabastro com perfume. Eram realmente acondicionados em vasilhames desse material os perfumes caros (cfr. Mat. 26:7 e Marc. 14:3). Recordemos que o sistema de mesa nessa época, era em forma de U, ficando os convivas reclinados (ou deitados) em divãs, em redor do U, apoiados no braço esquerdo, tendo a mão direita livre para comer. Pelo centro andavam os empregados a servir a refeição. Dessa forma, os pés dos convivas ficavam "por trás", voltados para as paredes. Nesse espaço entrou a "pecadora", prostrou-se ao chão a chorar, agarrada aos pés de Jesus. Como os visse molhados por suas lágrimas, os enxugava carinhosamente com seus cabelos, ao mesmo tempo que os beijava (katéphilei) com ardor. A seguir ungiu-os com o perfume que trouxera.

A cena era patética, além de profundamente romântica, e chocou o fariseu puritano, que tirou logo suas deduções desfavoráveis à sensibilidade mediúnica de Jesus. Talvez ele se recordasse de que os antigos profetas percebiam o grau de moralidade das pessoas pela simples aproximação (cfr. 1 Reis. 14:6; 2.º Reis 1:3; 5:24, etc). Mas Jesus prova-lhe que o julgamento foi precipitado e propõe-lhe a parábola dos dois devedores insolventes, a quem o credor perdoa, a um 500, a outro 50.

Anotemos, com cuidado, que o verbo usado aqui é echarísato (de charizomai) que literalmente significa "fazer benevolência" ou "dar com amor" (que é exatamente o sentido etimológico de "perdoar", ou seja, per - prefixo de superlativo - e doar: que é dar de presente; fica então o sentido: doar totalmente). Indaga, então, o Mestre qual dos dois amará mais o antigo credor. Simão não quer comprometer-se e introduz sua resposta com um "suponho". Jesus aprova plenamente a interpretação da parábola. E, quebrando sua anterior impassibilidade, aponta a mulher e salienta a diferença entre o tratamento que dele recebeu, com austeridade e frieza, e o amor esfusiante e desinibido da mulher que publicamente lhe manifesta seu sentimento apaixonado.

No vers. 45 todos os textos trazem eiselthon "desde que eu entrei", só se encontrando eiselthen (desde que ela entrou) na Peschitta e na Vulgata; é evidente correção, para não parecer exagero. Como explicar que a mulher já se encontrasse na sala de refeições, a esperar que Jesus entrasse e se reclinasse à mesa.

Depois vem a declaração: "seus muitos erros foram resgatados (aphéontai, perfeito de aphîemi) porque (hóti) ela amou muito". As traduções comuns transladam apherontai como "são perdoados", no presente, e com o mesmo sentido de "Perdão" do versículo 42. Mas aqui o verbo grego é outro: exprime resgatar, que é totalmente diferente de perdoar, A dívida de dinheiro foi perdoada pelo credor isto é, foi anulada, declarada nula, sem que nada tivesse sido feito pelo devedor para merecer esse perdão: foi uma consideração benevolente do credor, por seu estado de insolvência. Já o verbo aphîemi exprime o "resgate", ou seja uma ação realizada em contraposição ao erro, de tal forma que esse ação do devedor é que anula o erro, porque o apaga. Digamos, por exemplo, que o devedor de 500 denários houvesse prestado um favor tão grande ao credor, que este, por isso lhe perdoasse a dívida: aqui teríamos tò aphîemi, isto é: o favor prestado fez que a dívida fosse resgatada (cfr. vol. 2.º pág. 84).

Exatamente nesse sentido é que Jesus declara enfaticamente que o AMOR é uma das maneiras (e talvez a melhor) de conseguir o resgate dos erros do passado, anulando todos os carmas. E quanto mais amor, maior o resgate; mas quando o resgate é pequeno, o amor também o é. Daí passa à sentença absolutória; e é quando, pela primeira vez, se dirige diretamente à mulher, ratificando suas ações de amor com a declaração "teu, erros foram resgatados". E, sem dar importância ao murmúrio que se levanta da parte dos convivas, mais uma vez se dirige a ela: "tua fé te salvou", acrescentando a fórmula de despedida comum le shalom ",vai em paz" (cfr. Luc 5:48 e 1 Sam. 1:17).

Temos, neste episódio, que pode perfeitamente ter ocorrido no mundo material, um símbolo de grande beleza e profundidade. Trata-se do encontro da emotividade com a individualidade.

Já não é mais, aqui, o intelecto iluminado que obtém o contato com o Eu Interno,. mas é o astral que descobre a individualidade e a ela se submete integralmente.

Os observemos os pormenores

Os fariseus eram religiosos rigoristas com bastante espiritualidade, embora muito apegados ainda à letra e às exterioridades rituais. Representam, pois, a personalidade com tendências místicas, se bem que não no rumo certo.

Tendo um deles ouvido falar na individualidade (Jesus) convida-O "a jantar. isto é, a chegar até ele para um contato no banquete eucarístico.

Algo desconfiado, porém, para agir fora dos preconceitos de sua própria denominação religiosa recebe-O com certa secura, sem muita intimidade, não lhe "dando o ósculo" nem atendendo-O com as medidas habituais.

Mas o contato com a individualidade desperta-lhe emoções profundas em seu corpo astral, embora seu intelecto permaneça arredio. Surge, então, a luta dele consigo mesmo: o intelecto a condenar as emoções que se manifestam com desusado calor.

A "pecadora" (são as emoções que arrastam a criatura ao erro) todavia, não conhece peias que a impeçam de expressar-se com entusiasmo: entra em cena, levando seu coração ardoroso de profundo amor (o vaso de alabastro) e lança-se aos pés da individualidade, dando expansão a todo o seu amor com ardentes beijos. E sobre os pés descarrega os fluidos emocionais, transformados em lágrimas.

O intelecto começa a descrer da individualidade: como pode ela - de quem tanto falaram com elogios, a respeito de sua superioridade e elevação - como pode deixar de perceber que as emoções são erradas e, não obstante, permitir ser por elas acariciada e amada desordenadamente sem um protesto?

A individualidade, no entanto, toma partido em favor da emoção e contra o intelecto vaidoso. Faz-lhe ver que, apesar de seus muitos erros, essa manifestação imensa e vívida de amor conseguiu resgatá-los, por causa das vibrações fortíssimas de união sintônica e isso lhe aumentava reciprocamente o amor, por causa da gratidão; ao passo que o intelecto frio, que não sabe amar, e que encara seus erros, realmente menores, como leves desvios, não consegue resgatá-los a não ser se se entregar à tônica da humildade, passo difícilíssimo para ele.

Os exemplos comparativos esclarecem o intelecto, mostrando a diferença profunda no seu agir, em confronto com a emoção. Enquanto esta se purifica dos fluidos pesados emotivos com as lágrimas, vertidas com humildade (aos pés), aquele nem com água faz sua catarse; ele não lhe deu um ósculo de boas-vindas, enquanto ela não deixa de beijar-lhe os pés, desde que a individualidade se manifestou.

Aqui se explica o que parece contradição no texto, entre o vers. 37 (a mulher, ao saber que Jesus fora jantar, vai, depois dele, e manifesta seu amor) e o vers. 42 (desde que entrei, dando a impressão de que a mulher já lá estava a esperá-lo). Como, porém, o fato apresenta um símbolo, o verbo do vers. 42, na primeira pessoa, está certo: desde que a individualidade se manifestou, a emoção expressou seu amor.

E mais ainda, para que o leitor verifique que cada palavra traz realmente um ensinamento: a oliveira é o símbolo da paz, donde o óleo (azeite), produto da oliveira, é o símbolo da pacificação, resultado da paz. Diz a individualidade que, ao manifestar-se ao intelecto perquiridor curioso, este "não ungiu sua

cabeça com o óleo", isto é, não pacificou suas lutas íntimas, mas prosseguiu perturbando a mente da individualidade com suas dúvidas e críticas; ao passo que a emoção .quebrou o vaso de alabastro"de seu coração e "derramou o perfume" de seu amor, humildemente (aos pés) da individualidade.

A conclusão é óbvia: o corpo de emoções. o que vibra no mundo astral sujeito à Lei da Justiça, obtém, através de seu amor intenso e profundo, o resgate de seus carmas. E isso é conseguido através da fé, da convicção inabalável que manifestou, ao acreditar imediatamente na individualidade, amando-a e tendo a coragem de expressar-lhe seu amor, sem qualquer movimento de dúvida. (PASTORINO, p. 20-22).

3. A “pregação aos mortos” foi feita aos mortos, ou aos ainda vivos?

Entro agora na análise do versículo de **I Pe 4:5-6**, ao qual o relaciono abaixo com a citação do verso anterior para embasar a nossa argumentação:

*os quais hão de prestar contas àquele que é competente para **julgar vivos e mortos**; pois, para este fim, **foi o evangelho pregado também a mortos**, para que, mesmo julgados na carne segundo os homens, vivam no espírito segundo Deus. (I Pe 4:5-6)*

Resolvi inserir este texto para comparar o que realmente está nele e o que vem sendo defendido pelos defensores das penas eternas, a fim de analisar a ambos e estabelecer os devidos esclarecimentos. Embora haja no texto a narração verbal no passado, indicando que o Evangelho foi também pregado aos mortos, segundo os defensores das penas eternas, cumpre esclarecer este acontecimento está sendo narrado por Pedro.

Outrossim, ainda para os defensores das penas eternas, esta pequena frase “**foi o evangelho pregado também a mortos**” infere que esta expressão deve ser entendida como uma alusão aos que ouviram o evangelho enquanto viviam na terra, porém **agora mortos**. Ou seja, diante do que está implícito no texto, vemos que o Evangelho foi pregado aos vivos e também a mortos, já que o advérbio também nos dá a entender que o Evangelho tenha sido pregado não somente aos vivos, mas **também aos “mortos”**. Embora, para os defensores das penas eternas Pedro escreveu; ouviram o evangelho e creram, e embora tenham morrido (isto é, “*julgados segundo os homens na carne*”), agora vivem com Deus. Pedro escreveu onde que ouviram o evangelho e creram, e embora tenham morrido? Gostaríamos de pelo menos ter tido a referência. Quando Pedro diz que estes que estavam mortos, foram julgados na carne segundo os homens. Pedro quis dizer de todos os que tiveram atitudes completamente avessas à providência divina, sendo eles julgados na carne, conforme viveram (v. 3 **do mesmo capítulo**), segundo os homens e mesmo mortos, tiveram a oportunidade de se refazerem diante da pregação da Boa Nova, a fim de que vivam no espírito segundo Deus, já que **Ele é capaz de julgar vivos e mortos**.

Entendo que se os defensores das penas eternas acatassem a ideia de que a “pregação aos espíritos em prisão” realizada por Jesus fosse **após a sua**

ressurreição e não nos dias de Noé como eles defendem, a “pregação do Evangelho também aos mortos” foi dirigida aos espíritos rebeldes e renitentes no erro, **após desencarnarem**, ou morrerem. Tão logo, eles não teriam como embasar a crença de que O evangelho foi pregado àqueles que creram e posteriormente morreram, a fim de que tivessem a vida eterna com Deus, já que os defensores das penas eternas teriam que aceitar uma segunda, ou mais oportunidades de um espírito ainda rebelde, mas que poderia se arrepender, mesmo após o desencarne, sendo que estes poderiam resgatar as suas faltas somente através da **reencarnação**.

4. O que realmente ensina tal passagem

Mediante o que foi apresentado nesta passagem narrada por Pedro, vemos que não há como inferirmos que ele relatou que Jesus pregou aos “espíritos em prisão” nos dias de Noé e através dele, já que eles foram considerados “espíritos em prisão” e rebeldes **após o desencarne nos dias de Noé**. Outrossim, o Evangelho tendo sido “pregado aos mortos”, não poderia ter sido pregado aos que ainda viviam e que ao morrerem, vieram a crer no Evangelho, já que o Evangelho foi pregado aos vivos e **também a mortos**.

IV. Analisando a Serpente, Satã e os Daimons

O sentido grego para a palavra *Daimons* não é somente de espíritos impuros. No idioma grego significa ser um gênio bom ou um gênio mal. Este significado de gênio mal foi tomado a partir dos Evangelhos terem sido escritos em grego. Os defensores das penas eternas aproveitam para salientar apenas um. Segundo eles, os seres aos quais se denominam demônios são, sem sombra de dúvidas, os espíritos, tendo em vista que, pelas passagens citadas, as narrativas ora dizem demônio ora espírito impuro, demonstrando, portanto, que são sinônimas. O fato é que por haver “maus espíritos” possa existir também a manifestação dos “bons espíritos”. O sentido de se levar o significado para “**gênios maus**” da palavra *Daimons*? Vejamos: o possesso de Gerasa Mt 8,28-34; Mc 5,1-20 e Lc 8,26-39; o possesso de Cafarnaum Mc 1,21-28 e Lc 4,31-37 e o menino mudo e epilético Mt 17,14-21; Mc 9,14-29 e Lc 9,37-43.

O embasamento do entendimento grego, a utilização dessa cultura pelo povo Judeu, imersa no NT, no que tange à palavra *Daimons* e seu real significado, fica esclarecido a denotação negativa para gênio mal. Para os defensores das penas eternas, toda manifestação de “bons espíritos” nada mais é do que a manifestação do Espírito Santo. Analisando o entendimento da palavra *Daimons* no sentido de “gênios maus” no NT e se expulsavam estes mesmos “gênios maus”, somos impelidos a crer que o sentido grego desta palavra levou apenas o significado para “gênios maus”. Segundo, a manifestação de um Espírito Santo nada mais é a de um espírito, pois nos Atos dos Apóstolos, vemos que após Pedro liberto da prisão, muitos acreditaram que era o seu Espírito que se manifestava, assim como:

*reconhecendo a voz de Pedro, tão alegre ficou, que nem o fez entrar, mas voltou correndo para anunciar que Pedro estava junto do portão. Eles lhe disseram: Estás louca. Ela, porém, persistia em afirmar que assim era. **Então, disseram: É o seu anjo.** (At 12:14-15).*

Ou seja, para os Cristãos primitivos, os espíritos dos que desencarnavam se manifestavam naturalmente, quanto disseram que não poderia ser Pedro de fato e sim **o seu anjo**. Com efeito, elaborei o seguinte questionamento: Ou será que a inspiração dos profetas quando alertam o povo não é uma interferência dos bons Espíritos? A resposta é sim e se encontra respondida nos textos "**Toda a Bíblia está cheia de fenômenos mediúnicos**" e "**A Comunicação com os Mortos na Bíblia**".

Não obstante, a evolução do pensamento sobre a serpente (*nâhâsch*), satã e os daimons foram absolvidas pela cultura judaica através de sincretismo com diversas culturas, tais como a egípcia, a persa e a grega. Ademais, conforme as passagens que foram apresentadas logo acima, estas se referem aos espíritos (imundos ou impuros) exercendo domínio sobre uma pessoa, outras, porém, referem-se às atitudes voltadas ao mal sendo substituídas pelo bem, assim como desenvolvemos esta questão na passagem de **Lucas**.

*Respondeu-lhes ele: Eu **via** Satanás, como raio, cair do céu. (Lc 10:18)*

Quando se lê todo o texto para se entender o que está implícito consegue-se chegar a uma ideia mais concisa. O contexto é importante. Por isso importa estudar e pesquisar bastante antes de interpretarmos à nossa maneira e passarmos aquilo como verdade absoluta. Quem foi esse querubim que se vestia de pedras preciosas e que foi lançado fora do monte de Deus? Satanás não pode ser. De fato, lemos em Gênesis que Adão e Eva foram tentados no Éden por uma serpente que muitos interpretam como sendo Satanás. Ora, se Satanás estava tentando Adão e Eva e se interpretarmos ao pé da letra o que está em Gênesis, concluiremos que Satanás já tinha sido "expulso do Paraíso".

No texto de Ezequiel, há a citação do Éden, mas o querubim que alguns querem relacionar com Satanás estava no Jardim do Éden coberto de pedras preciosas e permanecia no "monte santo de Deus". Na realidade, o texto não fala sobre Satanás, mas sim sobre o rei de Tiro. Ezequiel profetizou sua queda, o que, de fato, aconteceu.

Finalmente, temos um caso, segundo o qual, o próprio Cristo teria dito que viu Satanás cair do céu. Vejamos o texto: "Eu via Satanás caindo do céu como um relâmpago." (Lc, 10,18). Para estudarmos esse texto, devemos começar por sua análise gramatical. O verbo empregado está no pretérito imperfeito, indicando uma ação que ainda não terminou. Caso Jesus estivesse se referindo a um fato acontecido teria dito "eu vi Satanás caindo do céu" e não "eu via". O tempo verbal nos remete à situação em que isso foi dito. Jesus havia enviado setenta discípulos às cidades onde ele havia de ir (Lc, 10,1). Quando os discípulos voltaram e deram conta de sua missão, dizendo que até os demônios se lhes submetiam (Lc, 10, 17), Jesus disse que via Satanás como um relâmpago cair do céu.

Analisando a frase de Jesus dentro do contexto, concluímos que ele estava usando o termo Satanás não como um espírito que caía do céu, mas como o mal que

era substituído pelo bem que os setenta discípulos haviam feito. Não há como inferir dessas palavras de Jesus qualquer ligação com a lenda de Lúcifer.

V. Escândalos, se vossa mão é motivo de escândalo, cortai-a!

Mediante o contexto de **Mc 9:42-50, Mt 18:6-11; 29-30 e Lc 17:1-2** Jesus nos dá um profundo ensinamento que se levarmos o entendimento literal, teremos que aceitar coisas estranhas como automutilação, mas se aceitarmos que o texto é alegórico, qual o ensinamento que ele nos traz? É o que iremos demonstrar.

Outrossim, cabe-nos ao menos citar o contexto abaixo para desenvolver as devidas considerações e trazer a tona que somente a reencarnação esclarece tal ensinamento de Jesus.

*Se algum escandalizar a um destes pequenos que creem em mim, melhor fora que lhe atassem ao pescoço uma dessas mós que um asno faz girar e que o lançassem no fundo do mar. Ai do mundo por causa dos escândalos; **pois é necessário que venham escândalos**; mas, ai do homem por quem o escândalo venha. Tende muito cuidado em não desprezar um destes pequenos. Declaro-vos que seus anjos no céu veem incessantemente a face de meu Pai que está nos céus, porquanto o Filho do Homem veio salvar o que estava perdido. **Se a vossa mão ou o vosso pé vos é objeto de escândalo, cortai-os e lançai-os longe de vós**; melhor será para vós que entreis na vida tendo um só pé ou uma só mão, do que terdes dois e serdes lançados no fogo eterno. (Mt 18:6-11)*

***Se o vosso olho vos é objeto de escândalo, arrancai-o e lançai-o longe de vós**; melhor para vós será que entreis na vida tendo um só olho, do que terdes dois e serdes precipitados no fogo do inferno. (Mt 29-30)*

1. Jesus nos sugere a automutilação?

Após a explanação realizada anteriormente com os devidos questionamentos, enfatizando a impossibilidade de tomarmos o texto literalmente, caso os defensores das penas eternas viessem a defendê-la, mas, porém, concorda conosco de que o texto não é literal e sim alegórico. Todavia, não nos apresentou os defensores das penas eternas o sentido acima da letra que o texto nos passa.

Recordando, os defensores das penas eternas concordam que tal texto é alegórico, mas **não demonstram o seu significado**. Outrossim, como sempre eles deixam o seguinte parecer de que infelizmente para o espiritismo não há sentido implícito nenhum, os mandamentos e ensinamentos de Jesus sempre foram muito claros. Embora os defensores das penas eternas concordem que o texto é alegórico, estranhamente ele não concorda que o mesmo tenha sentido implícito. Isso seria mesmo coisa do Espiritismo. Se o texto é literal, não tem nenhum ensinamento velado,

está às claras, mas se o texto é alegórico, aí sim nós temos, inelutavelmente, um **sentido implícito**.

Porém, os defensores das penas eternas continuam argumentando que isto é “figura de linguagem”, mas em seguida, como dissemos, não apresentam o real sentido desta alegoria, antes se apoiam em outro sentido, ao qual eles realçam os imperativos (corta-o, arranca-o!), que são ordens para que **façamos isto aqui e agora**, e não que isto nos será arrancado em futuras encarnações. Ou seja, para os defensores das penas eternas que defendem o sentido alegórico (embora não implícito!), eles não se libertaram ainda das amarras literais e nos sugere que Jesus no apresenta a automutilação em vida para entrarmos na eternidade. Assim sendo, deixamos o questionamento aos leitores: **Jesus nos sugere a automutilação?**

Ainda sobre esta passagem, os defensores das penas eternas nos sugerem que antes não ter olho algum e entrar na vida do que com os dois para a morte **eterna**. É justamente isso que defendemos, pois Jesus emblematicamente enfatiza que é *melhor para vós será que **entreis na vida tendo um só olho**, do que terdes dois e serdes precipitados no fogo do inferno*. É exatamente isso que argumentamos e se Jesus nos recomenda isso em vida, somos impelidos a crer que Ele nos sugere a automutilação, ou seja, o sentido literal de tal passagem.

Havíamos dito que Jesus nos adverte para retirar órgãos físicos não são literais, porém, já que para os defensores das penas eternas tais órgãos devem ser retirados **aqui e agora**, e que o façamos caso algo nos escandalizar. Destarte, para os defensores das penas eternas dão a entender que nós tenhamos que retirá-los. Eles defendem a literalidade destes imperativos que entendem que todo mandamento dado por Jesus deve ser observado no hoje, no agora. Ou seja, a conotação imperativa dada por Jesus nos sugere a alternativa literal de que o Mestre nos sugere que observemos no hoje, no agora, com a automutilação? Cremos que não, pois para os Judeus, a automutilação era uma ofensa a Deus.

Os defensores das penas eternas nos sugerem que ao contrário do espiritismo, cujos órgãos seriam retirados apenas em outras encarnações, contradizendo o mandamento de Jesus. É *corta-o*, e não *será cortado*! Assim sendo, nos sugerem os defensores das penas eternas mais uma vez a automutilação apresentada pelo Mestre Jesus, com isso, ainda ficamos com a codificação **no item 17 do ESE**:

17. Se vossa mão é causa de escândalo, cortai-a. *Figura enérgica esta, que seria absurda se tomada ao pé da letra, e que apenas significa que cada um deve destruir em si toda causa de escândalo, isto é, de mal; arrancar do coração todo sentimento impuro e toda tendência viciosa. Quer dizer também que, para o homem, mais vale ter cortada uma das mãos, antes que servir essa mão de instrumento para uma ação má; ficar privado da vista, antes que lhe servirem os olhos para conceber maus pensamentos. **Jesus nada disse de absurdo, para quem quer que apreenda o sentido alegórico e profundo de suas palavras**. Muitas coisas, entretanto, não podem ser compreendidas sem a chave que para as decifrar o Espiritismo faculta. (KARDEC, A. O Evangelho Segundo o Espiritismo, Capítulo VIII, Bem-aventurados os que têm puro o coração).*

Ou seja, a justiça divina que só através da **reencarnação** é que podemos compreendê-la.

2. Afinal, qual o ensinamento desta passagem!

O que chamou à atenção, é que pela passagem ser considerada uma alegoria pelos defensores das penas eternas, estes dizem que pelo fato de ter dado um entendimento emblemático às palavras de Jesus para que as premissas espíritas sejam válidas. Ou seja, não seria com o fito de validar a premissa espírita, mas de corroborar com o que eles mesmos creem que é o sentido alegórico de tal passagem. Apresentamos o sentido desvelado do emblema de tal passagem e parece que os defensores das penas eternas se agarram ao sentido de um **fogo que não se apaga nunca**. Em outras palavras, começa emblematicamente o entendimento de tal passagem, mas termina com um sentido literal, mas teríamos que explanar ou com o sentido alegórico, ou literal.

Diante do contexto de **Mc 9:47-50**, salientamos que Jesus colocou que todos serão salgados com fogo (v. 49 **do mesmo capítulo**). Enfatizamos esta mensagem de Jesus dirigindo a todos que seriam salgados com as experiências expiatórias, de provas e de reparação para um espírito ainda em falta, dando-lhe a oportunidade do progresso. Para os defensores das penas eternas, tivemos certa dificuldade de passar este sentido ao texto, como sendo emblematicamente a expiação, como meio de purificação e, assim, de progresso, para o Espírito culpado, este seria um fogo que não se apaga **nunca**, segundo os defensores das penas eternas. Ou seja, o processo de expiação, de provas e reparação para o progresso espiritual e individual, onde sempre teremos este processo, a fim de alcançarmos níveis mais sublimes da escalada evolutiva que não cessa **nunca**.

O âmago da questão levantada pelos defensores das penas eternas é exclusivamente nos versos já citados de **Mc 9:47-50** que aplacaria conciliar esta passagem com uma futura reencarnação na vida terrena pois, se para onde forem, os que procederem em maus caminhos, conforme o que o Mestre disse, será o resultado daquilo que praticam, entende-se daí que é um estado irreversível: Ires para o inferno, para o fogo que nunca se apaga. Se um espírito infrator, por uma atitude finita em desacordo com a providência divina vem a ter a sentença infinita, teríamos que crer que a atitude deste mesmo infrator deveria ser infinita. Este mesmo homem em um estágio finito em seu estado de qualidades e defeitos, sendo seus atos irreversíveis, somos impelidos a crer que o homem é infinito em suas qualidades e defeitos, porém, sabemos que este atributo só pertence a Deus que é Absoluto.

Ademais, para finalizar a ideia de inferno apresentada pelos defensores das penas eternas, em Judas 7 está escrito que Sodoma e Gomorra “foram postas como exemplo, **sofrendo a pena do fogo eterno**”, e Pedro diz que “**reduzindo a cinza** as cidades de Sodoma e Gomorra, condenou-as à destruição, havendo-as posto para exemplo aos que vivessem impiamente”. Podemos então, concluir que “fogo eterno” significa “destruição”? É claro que não é destruição definitiva, pois de acordo com Jesus, “Em verdade vos digo que, no dia do juízo, haverá menos rigor para a terra de Sodoma e Gomorra do que para aquela cidade”.

Sendo assim, a expressão “fogo eterno” não deve ser tomada literalmente. Assim fica então destruída a tese das penas eternas, já que este dogma **nivela** no

inferno, tanto os grandes e pequenos criminosos, sendo estes os culpados de momento e os reincidentes contumazes, os com os corações endurecidos e os que não tiveram tempo de se arrepender. A única resposta para esta passagem seria a reencarnação, trazendo o progresso como um estado sem fim e não que as penas são eternas, mas proporcionais com as faltas dos infratores. Fica assim demonstrado **biblicamente** a incoerência dessa literalidade reducionista acerca do "fogo eterno", para o qual nem os defensores das penas eternas refutaram ainda, pois se Sodoma e Gomorra foram destruídas, **destruída fica a tese literal do "fogo eterno"**.

Finalizando a proposta desta análise, deixei anteriormente uma explanação que não foi sequer comentada e que está em consonância com o cerne deste ensinamento, tendo em vista que não podemos assim ter a concepção LITERAL que implica em retirar os nossos próprios órgãos já que **melhor é entrarmos no reino de Deus com um só olho**. Ou seja, o entendimento desta parábola não é literal e de forma nenhuma Jesus nos manda mutilar o nosso próprio corpo. Ele dá a chave através da reencarnação e diante de tantos seres humanos que nascem mutilados fisicamente seja por prova, ou até por expiação. A expressão cortar não representa a atitude de cortar em seu aspecto físico, como já foi amplamente discutido neste tópico, onde exemplificamos na passagem do cego de nascença e do homem coxo no texto "O diálogo entre Jesus e Nicodemos", pois os órgãos lá estavam, mas que só puderam ser utilizados após o milagre de Jesus em ambos aspectos. Aproveitamos para ressaltar que, por isso, fica demonstrado que a determinação não pode ser entendida apenas no seu aspecto literal, mas também, no aspecto teológico e teleológico de admoestação, isto é, os órgãos lá estavam fisicamente, mas não puderam ser utilizados, pois só puderam ser utilizados, repetimos, após o milagre. Com efeito, essa não possibilidade de utilização dos órgãos representa uma forma de reprimenda – não de punição – e que deve ser analisada não só sob o aspecto físico, mas também, sob o aspecto transcendental.

VI. O inferno e as penas eternas para erros finitos

Parafraseando Kardec, considerarmos que **"o homem é finito em suas qualidades, em suas aptidões, em seus conhecimentos e, conseqüentemente, não pode produzir senão coisas limitadas. Se o homem pudesse ser infinito no mal que faz, seria igualmente no bem, igualando-se a Deus. Mas se o homem fosse infinito no bem, não praticaria o mal, pois o bem absoluto é a exclusão de todo mal. Admitindo que uma ofensa temporária à Divindade pudesse ser infinita, Deus, vingando-se por um castigo infinito, seria infinitamente vingativo. Sendo Deus infinitamente vingativo, não pode ser infinitamente bom e misericordioso, visto como um destes atributos exclui o outro. Sendo o homem finito, nada que ele faça poderá atingir ou macular a Divindade, haja visto que Ele é infinito e o finito é infinitamente inferior ao infinito. Se Deus é Soberano e Justo, sua Justiça Soberana não é inexorável em termos absolutos, nem leva a complacência a ponto de deixar impunes todas as faltas. Ao contrário, pondera rigorosamente o bem e o mal, recompensando um e punindo outro equitativa e proporcionalmente, sem se enganar jamais na aplicação. Se por uma falta passageira, resultante sempre da natureza imperfeita do homem e muitas vezes da influência do meio em que vive, deixa a alma castigada eternamente e sem clemência, não há proporção entre a falta e o castigo. Reconciliando-se com Deus,**

*arrependendo-se, e pedindo para reparar o mal praticado, o culpado deve voltar-se para o bem, para os bons sentimentos e atitudes. Mas se o castigo é irrevogável, esta subsistência para o bem não frutifica, e um bem não considerado significa injustiça. Entre nós, seres humanos, o condenado que se corrige tem abreviada sua pena. Neste caso, haveria mais equidade na justiça humana do que na divina. Se a pena é irrevogável, inútil será o arrependimento, e o culpado, nada tendo a esperar de sua correção, persiste no mal, de modo que Deus não só o condenaria a sofrer perpetuamente, mas ainda a **permanecer no mal por toda eternidade**. Nisso não há bondade nem justiça”. E de mais a mais, se o tempo de uma pena é **indeterminado**, quem é capaz de querer **determinar** alguma coisa e estabelecer que não tem fim? Já que O Senhor é misericordioso e compassivo; longânimo e assaz benigno. **Não repreende perpetuamente, nem conserva para sempre a sua ira**. Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades (SI 103:8-10)... mas conforme a Sua justiça, ou seja a lei natural da **reencarnação (Jo 3:12)**. O que mais uma vez nos prova exuberantemente ser inconciliável o absurdo das penas eternas, como reflexo de justiça divina.*

1. “A falibilidade dos projetos humanos”, segundo Tiago

Os defensores das penas eternas, acerca da passagem de **Tiago**, tentam corroborar a tese de que Tiago sabe que somos como vapor que aparece um pouco e logo se desvanece como se desse a entender que não existe a possibilidade das vidas sucessivas. Com efeito, nos recomendam eles sobre este versículo, sugerindo que o alterássemos para “Sois um vapor que aparece por um pouco, logo se desvanece, e volta a aparecer de novo”. Assim sendo, eis a passagem:

*Atendei, agora, vós que dizeis: Hoje ou amanhã, iremos para a cidade tal, e lá passaremos um ano, e negociaremos, e teremos lucros. **Vós não sabeis o que sucederá amanhã**. Que é a vossa vida? **Sois, apenas, como neblina que aparece por instante e logo se dissipa**. Em vez disso, devíeis dizer: Se o Senhor quiser, não só viveremos, como também faremos isto ou aquilo. Agora, entretanto, vos jactais das vossas arrogantes pretensões. Toda jactância semelhante a essa é maligna. **Portanto, aquele que sabe que deve fazer o bem e não o faz nisso está pecando**. (Tg 4:13-17)*

O objetivo deste texto de Tiago não é o de pregar a reencarnação, ou muito menos condená-la. O objetivo deste texto é única e exclusivamente a falibilidade dos projetos humanos em querer deixar o seu próximo à mercê da sorte, preocupando-se com seus próprios projetos (vv. 13-14 **do mesmo capítulo**), não praticando o ato de amor ao próximo por inércia (v. 17 **do mesmo capítulo**). Ademais, lendo todo o capítulo recomendado anteriormente pelos defensores das penas eternas, pudemos depreender isto que acabamos de relatar e não notamos que Tiago não fala da “falibilidade dos projetos humanos”, ele fala da falibilidade da **vida humana**. Nossos projetos não darão certos não pelo projeto em si, mas por nossa vida que, amanhã, pode se findar. Aliás, sabemos que por egoísmo podemos não praticar o ato de amor

ao próximo e pelo motivo da inércia deixamos o nosso próximo à mercê da sorte. Ademais, os defensores das penas eternas se apegaram apenas ao fato de sermos espíritos encarnados que amanhã podemos desencarnar. Ou seja, não corroborou a sua tese do que realmente ensina tal passagem, antes se preocupou em salientar esta passagem de Tiago, mas ignorou, por exemplo, o tópico IV deste tema sobre a passagem de **Jó 35:5-8** que enfaticamente diz sobre as vidas sucessivas.

Acerca do desfecho do capítulo 4 da epístola de Tiago tratar de que todo **aquele que sabe que deve fazer o bem e não o faz nisso está pecando**, demonstrando o real objetivo de tal apóstolo, os defensores das penas eternas disseram que concordam plenamente. Todavia, sendo este o objetivo de Tiago que apresentamos, os defensores das penas eternas nos remetem ao verso 14 para trazer a questão central de tal passagem, porém, não é isso que conclui o texto.

A exortação de Tiago é para que atentemos ao realizarmos o bem, sem nos preocuparmos com o amanhã, já que se não o fizermos, certamente por não praticarmos o bem é o mesmo que fazer o mal pela inércia. Realmente os defensores das penas eternas não afirmaram que a fé sem obras é suficiente e com isso ratificamos o que dissemos que eles afirmam, mas pelo que discutimos no texto “**A fé sem obras está morta**”, ficou claro que se para os defensores das penas eternas a fé é suficiente para a salvação, mas a prática das boas obras teria meramente um valor secundário e, tão logo, seriam dispensáveis para que já se consideram “salvos”. O que fizemos foi **fundamentar** que é pelas boas obras que provamos a nossa fé.

2. Marcos 9 e o que ele ensina sobre “salgar com fogo”

Vamos à passagem em análise:

*Disse-lhe João: Mestre, vimos um homem que em teu nome expulsava demônios, e nós lho proibimos, porque não nos seguia. Jesus, porém, respondeu: Não lho proibais; porque ninguém há que faça milagre em meu nome e possa logo depois falar mal de mim; pois quem não é contra nós, é por nós. Porquanto qualquer que vos der a beber um copo de água em meu nome, porque sois de Cristo, em verdade vos digo que de modo algum perderá a sua recompensa. Mas qualquer que fizer tropeçar um destes pequeninos que crêem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma pedra de moinho, e que fosse lançado no mar. E se a tua mão te fizer tropeçar, corta-a; melhor é entrares na vida aleijado, do que, tendo duas mãos, ires para o inferno, para o fogo que nunca se apaga. [onde o seu verme não morre, e o fogo não se apaga.] Ou, se o teu pé te fizer tropeçar, corta-o; melhor é entrares coxo na vida, do que, tendo dois pés, seres lançado no inferno. [onde o seu verme não morre, e o fogo não se apaga.] Ou, se o teu olho te fizer tropeçar, lança-o fora; melhor é entrares no reino de Deus com um só olho, do que, tendo dois olhos, seres lançado no inferno, onde o seu verme não morre, e o fogo não se apaga. **Porque cada um será salgado com fogo. Bom é o sal; mas, se o sal se tornar insípido, com que o haveis de temperar? Tende sal em vós mesmos, e guardai a paz uns com os outros. (Mc 9:38-50)***

Vamos aos fatos segundo o contexto: Primeiramente vemos que os Apóstolos proibiram alguns que não estavam com eles a expulsarem “demônios”, com isso o Mestre os advertiu de que não haveria de os proibir, pois voltamos ao mesmo fato de que um reino dividido entre si não sobre existirá.

Outro fato é os Homens que vivem em atitudes que não conseguem se libertar do desejo da mulher de teu próximo e da cobiça, do assassinio, alcoolismo, prostituição, etc, estes deveriam arrancar os seus próprios olhos, as mãos, os órgãos genitais, etc e tudo praticado em vida, conforme a parábola abaixo?

Ou, se o teu olho te fizer tropeçar, lança-o fora; melhor é entrares no reino de Deus com um só olho, do que, tendo dois olhos, seres lançado no inferno. (Mc 9:47)

Vemos que Jesus enfatiza: **[onde o seu verme não morre, e o fogo não se apaga.]**, colocando assim a preexistência da alma e as penas morais que muitos de nós enfrentamos entre nossas idas e vindas mediante as nossas faltas, para nos elucidar de que os órgãos físicos, que, porventura nos for motivo de queda serão retirados em nossa nova encarnação para o nosso aperfeiçoamento, fato este que comprova milhares de deficientes no mundo inteiro que por misericórdia superam as suas más inclinações mediante a prova e até mesmo na expiação para que assim manifeste a Vontade do Pai de que sejamos um só rebanho em um só Pastor. Logo à frente o Mestre nos elucidar o porquê cada um será salgado com fogo. **Bom é o sal; mas, se o sal se tornar insípido, com que o haveis de temperar? Tende sal em vós mesmos, e guardai a paz uns com os outros**, fazendo assim a alusão de que estamos num planeta de provas e expiações e sujeitos às tais, com isso Ele desfeca a passagem de que o “sal” é bom e todos nós o temos o tempero de nossas virtudes e más inclinações e seremos moldados e lapidados pelas prova que o Pai nos concede para a nossa superação e evolução espiritual e mesmo assim buscarmos a felicidade incansavelmente, que, porventura também progride o nosso estado de emancipação da alma através da luta interior que por deveras temos que travar em dominar o nosso ego e sobrepormos a vontade do Espírito pelo desejo e fraqueza da carne.

O sal, entre os Hebreus, era o emblema da purificação de toda a vítima oferecida em oblação ao Senhor, mas no que se refere ao texto em análise, **este nos apresenta o sal como símbolo de purificação e fogo como emblema da expiação na passagem de Mc 9:49**. O entendimento exegético de tal passagem continua sendo o mesmo sobre a passagem do sal da Terra (**Mt 5:13**) que segundo a nota de rodapé de sua Bíblia é da SBB, em que estamos utilizando também. Porém, cabe-nos umas ressalvas nas passagens de **Mt 18:6-11, Mc 9:42-50 e Lc 17:1-2**.

*Disse Jesus a seus discípulos: **É impossível que não venham os escândalos; mas ai daqueles por que vêm os escândalos**. A esse melhor fora lhe atassem ao pescoço uma mó de moinho e o lançassem ao mar do que escandalizar a um destes pequeninos. (**Mt 18:6-11, Mc 9:42-50 e Lc 17:1-2**)*

Necessário é, pois, que haja escândalo no mundo, visto que só mediante eles muitas consciências despertam para o reconhecimento dos erros praticados e para o arrependimento, e, que, pelo contato com os vícios, é que às virtudes se fortalecem e deles triunfam. Ai, porém, dos que ocasionem o escândalo, e ai também, ainda que

menor lhes seja a culpa, dos que se deixem levar até o escândalo. Mais valerá estarem bastante amadurecidos para uma vida melhor.

Qualquer que seja o sacrifício que nos custe à destruição, em nossas almas, de todas as causas do mal, preferível é que o façamos a que nos tornemos causa de escândalo, com o que nos condenaremos a sofrer pelos nossos próprios frutos durante séculos talvez, mas nunca eternamente. O sal, entre os Hebreus, era o emblema da purificação de toda a vítima oferecida em oblação ao Senhor. Outrossim, Jesus recorrendo sempre aos costumes, preceitos e tradições Hebraicas, para compor a linguagem figurada de que necessitava usar, Ele ainda aqui apresentou a infância como emblema da pureza e da virtude; **Este nos apresenta o sal como símbolo de purificação e fogo como emblema da expiação na passagem de Mc 9:49.**

Considerações Finais

Chegamos ao fim de mais este texto, no qual nos comprometemos a analisar seu foco que era a justiça da reencarnação como contraponto ao dogma das penas eternas que, sem nenhuma base de sustentação, alguns ainda tentam sustentar. Outrossim, se Judas, conforme a narração da **Bíblia do Peregrino (pp. 2385-2386)** nos informa que ele estava em estado de remorso, se arrependeu, confessou a inocência de Jesus e desesperou pelo perdão, estamos certos de que *“O Senhor é misericordioso e compassivo; longânimo e assaz benigno. Não repreende perpetuamente, nem conserva para sempre a sua ira. Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades” (Sl 103:8-10)* e portanto, já o perdoou. Se Deus, em sua grandiosidade, está infinitamente acima da justiça de nós homens, onde Jesus nos recomendou que nós devemos perdoar nosso próximo infinitamente (70 x 7), por evidência de axioma, Deus não poderia estar abaixo de nós homens.

Por outro lado, os defensores das penas eternas argumentam que nós deduzimos que Judas se arrependeu, ou que confessou seu pecado diante de Deus antes do suicídio, **não fossem as fartas referências bíblicas do destino dele.** E também que continuamos com esta tese insistindo que Judas se arrependeu. Ademais, segundo o questionamento de Kardec no **Livro dos Espíritos**, no que tange a **questão 1009 – Desse modo, os sofrimentos impostos nunca serão por toda a eternidade?** E parafraseando os espíritos Santo Agostinho, Lammenais, Platão e o Apóstolo Paulo. Faço deles as minhas palavras finais:

- Interrogai o bom senso, a razão, e perguntai-vos se uma condenação perpétua por causa de alguns momentos de erro não seria a negação da bondade de Deus. O que é, de fato, a duração da vida, mesmo de cem anos, em relação à eternidade? Eternidade! Compreendei bem essa palavra? Sofrimentos, torturas sem fim, sem esperança, por algumas faltas! Vossa razão não rejeita uma idéia dessa? É compreensível que os antigos tenham visto no Senhor do universo um Deus terrível, ciumento e vingativo. Em sua ignorância, atribuíam à Divindade as paixões dos homens. Porém, esse não é o Deus que o Cristo nos revelou, que coloca como virtudes primordiais o amor, a caridade, a misericórdia e o esquecimento das ofensas. Poderia Ele próprio não ter as

qualidades das quais faz um dever? Não há contradição em atribuir ao Criador a bondade infinita e a vingança também infinita? Ensinai, antes de mais nada, que Ele é justo em Sua perfeição e que o homem não compreende Sua justiça. Mas a justiça não exclui a bondade, e Ele não seria bom se condenasse aos mais horríveis e perpétuos sofrimentos a maior parte de suas criaturas. Teria o direito de fazer da justiça uma obrigação para seus filhos, se não lhes tivesse dado os meios de compreendê-la? Aliás, a sublimidade da justiça, unida à bondade, está em fazer com que a duração dos sofrimentos dependa dos esforços que o transgressor faça para se melhorar. Eis a verdade destas palavras: **“A cada um segundo suas obras”**. (Santo Agostinho).

- Esforçai-vos, por todos os meios ao vosso alcance, em combater, destruir a idéia dos castigos eternos, pensamento blasfemo, ultrajante para com a justiça de Deus. Esse pensamento é a fonte mais fecunda da incredulidade, do materialismo e da indiferença que invadiu as massas humanas desde que sua inteligência começou a se desenvolver. O Espírito, prestes a se esclarecer, ou apenas saído da ignorância, logo compreende a monstruosa injustiça; sua razão a rejeita e, então, freqüentemente, sente a mesma rejeição ao sofrimento que o revolta e a Deus, a quem o atribui; daí os males inumeráveis que vieram se unir aos vossos e para os quais viemos trazer remédio. A tarefa que apontamos será tão mais fácil quanto é certo que as autoridades sobre as quais se apóiam os defensores dessa crença têm todas evitado de se pronunciar sobre elas formalmente. Nem os concílios, nem os Pais da Igreja resolveram essa questão. Mesmo de acordo com os próprios evangelistas, e tomando ao pé da letra as palavras simbólicas do Cristo, ele ameaçou os culpados com um fogo que não se apaga, com um fogo eterno; porém, não há absolutamente nada nessas palavras que prove que ele os condenou eternamente.

Pobres ovelhas desgarradas, sabeis deixar vir até vós o bom Pastor que, longe de vos banir para sempre de sua presença, vem ao vosso encontro para vos reconduzir ao aprisco. Filhos pródigos, deixai o exílio voluntário; dirigi vossos passos à morada paternal: o Pai estende os braços e se mostra sempre pronto a festejar vosso retorno à família. (Lammenais).

- **Guerras de palavras! Guerras de palavras! Já não fizestes derramar sangue suficiente? Será ainda preciso reacender as fogueiras? Discutem-se os temas: eternidade das penalidades, eternidade dos castigos; deveis compreender que o que entendeis hoje por eternidade não é o mesmo que entendiam os antigos.**

Se o teólogo consultar as fontes, descobrirá, como vós, que o texto hebreu não dava às palavras penas sem fim e irremissíveis o mesmo significado dado pelos gregos, os latinos e os modernos nas suas traduções. Eternidade dos castigos corresponde à eternidade do mal. Sim, enquanto o mal existir entre os homens, os sofrimentos subsistirão; é em sentido relativo que se devem interpretar os textos sagrados. A eternidade dos sofrimentos é, portanto, apenas relativa, e não absoluta. Quando chegar o dia em que todos os homens, pelo arrependimento, se revestirem da túnica da inocência, não haverá mais gemidos nem ranger de dentes. A razão humana é limitada, é bem verdade, mas mesmo assim é um presente de Deus. Assim, com a ajuda da razão, não existe uma única pessoa de boa-fé que não seja capaz de compreender a natureza relativa da noção de castigos eternos! Castigos eternos! Como? Seria preciso, então, admitir que o mal é eterno! Somente

Deus é eterno e não poderia ter criado o mal eterno, porque assim seria preciso lhe tirar o mais magnífico de seus atributos: o poder soberano, porque não seria soberanamente poderoso aquele que criasse um elemento destruidor de suas próprias obras. Humanidade! Humanidade! Não mergulhes mais tristes olhares nas profundezas da Terra para lá procurar os castigos. Chora, espera, arrepende-te, repara os erros e refugia-te no pensamento de um Deus infinitamente amoroso, absolutamente poderoso, essencialmente justo. (Platão).

- Gravitare para a unidade divina, esta é a meta da humanidade. Para atingi-la, três coisas são necessárias: a justiça, o amor e a ciência; três coisas lhe são opostas e contrárias: a ignorância, o ódio e a injustiça. Pois bem! Eu vos digo, em verdade, que falseais esses princípios fundamentais, comprometendo a idéia de Deus ao exagerar uma severidade que Ele não tem. Vós a comprometeis mais ainda inculcando no espírito da criatura a idéia de que ela mesmo possui mais clemência, bondade, amor e verdadeira justiça do que o Criador. Vós destruídes até mesmo a idéia de inferno ao torná-lo ridículo e inadmissível às vossas crenças, como é para vossos corações o horrendo espetáculo das execuções, fogueiras e torturas da Idade Média! Mas, como? Será que agora, quando a era das represálias foi banida pela legislação humana, é que esperais mantê-la viva? Acreditai em mim, irmãos em Deus e em Jesus Cristo, acreditai em mim, ou resignai-vos a deixar morrer em vossas mãos todos os dogmas, em vez de os modificar, ou, então, vivificai-os, abrindo-os às idéias puras que os bons Espíritos derramam neles neste momento. A idéia de inferno, com suas fornalhas ardentes, suas caldeiras fervilhantes, pode ser tolerada, num século de ferro; mas atualmente não é mais que um fantasma, quando muito para amedrontar criancinhas, e no qual elas mesmas não acreditam mais quando crescem.

Insistir nessa mitologia assustadora é incentivar a incredulidade, mãe de toda desorganização social. Tremo ao ver toda uma ordem social abalada e a ruir sobre suas bases, por falta de sanção penal condizente. Homens de fé ardente e viva, vanguardeiros do dia da luz, mãos à obra! Não para manter fábulas ultrapassadas que perderam o crédito, mas para reavivar, restaurar o verdadeiro sentido da sanção penal, de forma que estejam de acordo com os costumes, sentimentos e as luzes de vossa época.

Quem é, de fato, o culpado? É aquele que, por um desvio, por um falso movimento da alma, se afasta do objetivo da Criação, que consiste no culto harmonioso do belo, do bem, idealizados pelo arquétipo humano, pelo Homem-Deus, por Jesus Cristo. Que é o castigo? A conseqüência natural, derivada desse falso movimento; uma soma de dores necessárias para fazê-lo desgostar, detestar a sua deformidade, pela prova do sofrimento. **O castigo é o aguilhão que estimula a alma, pela amargura, a se curvar sobre si mesma e retornar ao caminho da salvação. O objetivo do castigo é apenas a reabilitação, a redenção. Querer que o castigo seja eterno, por uma falta que não é eterna, é negar toda a sua razão de ser.**

Eu vos digo em verdade, basta, chega de colocar em paralelo na eternidade o bem, essência do Criador, com o mal, essência da criatura; isso seria criar uma penalidade injustificável. Afirmar, ao contrário, o amortecimento gradual dos castigos e das penalidades pelas reencarnações

sucessivas e consagrai, com a razão unida ao sentimento, a unidade divina. (Paulo, Apóstolo). (KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, Parte Quarta, Capítulo 2, Penalidades e Prazeres futuros).

Thiago Toscano Ferrari
Janeiro / 2007
(Revisado Outubro / 2013)

Referências bibliográficas:

Bíblia Sagrada, Editora Ave Maria, São Paulo, SP, 68ª edição, 1989.
Bíblia de Jerusalém, nova edição. São Paulo: Paulus, 2002.
Bíblia Sagrada, Edição Pastoral, Paulus, São Paulo, SP, 43ª edição, 2001.
Bíblia Sagrada, São Paulo: SBB, 2000.
KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, São Paulo, SP: PETIT, 2004.
KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, São Paulo, SP: PETIT, 2004.
KARDEC, A. *A Gênese*, São Paulo, SP: PETIT, 2004.
PASTORINO, Carlos J. Torres, *Sabedoria do Evangelho*, volume III, Rio de Janeiro/RJ: Revista Mensal, 1970.